



PIA SOCIEDADE DE SÃO PAULO

**CARTA DO SUPERIOR GERAL
AOS COIRMÃOS DA SOCIEDADE DE SÃO PAULO**

“FAÇO TUDO PELO EVANGELHO” (1Cor 9,23)

No amor, em comunhão e com audácia

Prezados irmãos,

Graça e paz do Senhor Ressuscitado!

Com alegria pascal lhes escrevo esta primeira carta, dois meses após ter assumido o serviço que a Congregação me confiou durante o X Capítulo Geral. Não obstante todos os limites, aqui estamos juntos, como Governo geral, para servir e para levar adiante a animação da Congregação, confiando sobretudo na graça que nos vem de Jesus Mestre e contando também com a colaboração de cada um de vocês.

As últimas cartas anuais, escritas pelo padre Sílvio Sassi, nos ajudaram a aprofundar o nosso carisma e a celebrar o Centenário de fundação da nossa Congregação (e do início da Família Paulina), à luz das principais obras do nosso Fundador. Através da riqueza dos elementos históricos e carismáticos que nos foram oferecidos, fizemos a caminhada que nos levou, entre outras coisas, a enfrentar os desafios da evangelização “com” e “na” comunicação, a aprofundar o significado da “pregação escrita ao lado da pregação oral”, e a assumir com coragem o “projeto integral da nova evangelização” com os meios de comunicação que temos à nossa disposição e outros que o progresso humano nos desafia a utilizar.

Com esta carta, desejo convidá-los a continuar a reflexão, isto é, a ver a nossa vida e a nossa missão na perspectiva do tema do X Capítulo Geral: *“Faço tudo pelo Evangelho”* (1Cor 9,23). Tomara que possamos fazer desse tema um verdadeiro programa, de forma que ilumine todas as dimensões da vida paulina! O *Documento final* – com a premissa, o objetivo, as prioridades e as linhas operativas – é para nós o caminho a seguir nos próximos seis anos. No entanto, isso não impede que o coração esteja aberto aos sinais dos tempos, a outras iniciativas que não foram pensadas e que as novas necessidades poderão propor à nossa decisão.

Acreditamos, com o nosso Fundador, que *“quem constrói sobre o Evangelho e para Evangelho elevará um edifício que não cairá, apesar dos ventos e tempestades”*.¹ De fato, como apóstolos-comunicadores, **não tem sentido fazer alguma coisa sem o Evangelho e sem que o Evangelho se torne em nós um “estilo de vida”**, acima de tudo.

A Páscoa no Ano da Vida Consagrada

Prezados irmãos, convido todos vocês a situar a mensagem desta carta sob a luz da Páscoa do Senhor e do tempo pascal que se abre diante de nós como momento de graça. Vivemos uma ocasião oportuna para nos unirmos ao Cristo Ressuscitado e criarmos com ele – na fé, entre nós e com toda a humanidade – uma comunhão que nos encha de vida e esperança e nos faça ver que *“a vida é mais forte que a morte. O bem é mais forte que o mal. O amor é mais forte que o ódio. A verdade é mais forte que a mentira. A escuridão dos dias passados se dissipa no momento em que Jesus ressurge do sepulcro e se torna, ele mesmo, pura luz de Deus”*.² Deixemos que esta luz nos ilumine!

Outro aspecto importante é o Ano da Vida Consagrada, a respeito do qual o magistério do papa Francisco insiste sobre a *alegria*. Parece-me oportuno que vivamos este Ano no espírito da Páscoa do Senhor, porque é justamente **da alegre experiência de Jesus ressuscitado que nasce a missão**. É do encontro dos discípulos com ele que nasce o anúncio. É Jesus Ressuscitado que diz a seus discípulos: *“Vão pelo mundo todo e proclamem o Evangelho a todas as criaturas”* (Mc 16,15).

De fato, o verdadeiro encontro com o Senhor nos abre para os irmãos, nos coloca em movimento, nos impulsiona a sair da autorreferência, nos lança em missão. Como nos lembra um dos documentos emanados pela Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica para animação do ano da Vida Consagrada, *“a relação com o Senhor não é estática, nem intimista: ‘Quem coloca Cristo no centro da própria vida, descentra-se! Quanto mais você se une a Jesus e ele se torna o centro de sua vida, mais ele faz você sair de si mesmo, o descentra e o abre para os outros’*. *‘Não estamos no centro, somos, por assim dizer, ‘deslocados’, estamos a serviço de Cristo e da Igreja’*”.³

Evangelizar, na alegria, com e na comunicação

A propósito da evangelização feita por nós paulinos, a recente Declaração do X Capítulo Geral fala exatamente de *“evangelizar hoje na alegria*

¹ T. ALBERIONE, *Alma e corpo para o Evangelho*, Paulus, 2014, p. 24.

² BENTO XVI, *Homilia, Sábado Santo*, 7 de abril de 2012.

³ Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica, *Alegrai-vos*. Carta circular aos consagrados e às consagradas, Cidade do Vaticano, Libreria Editrice Vaticana, 2014, n.5.

como apóstolos-comunicadores e como consagrados". Empregando todas as linguagens da comunicação, somos chamados a renovar, cada dia, a nossa fé e o empenho de viver e anunciar o Evangelho numa cultura estreitamente marcada pela comunicação em rede.

Neste mundo sempre mais globalizado, graças especialmente aos meios técnicos, a humanidade toda vai entrando progressivamente nesse ambiente. É claro que a "cultura da comunicação" não é campo de evangelização exclusivamente nosso. Além disso, constatamos com sempre maior frequência que há instituições, no interior da Igreja, que fazem coisas belíssimas no campo da evangelização com as diversas linguagens da comunicação.

Então, **o que é que nos distingue daqueles que fazem o mesmo que também nós fazemos**, e que às vezes fazem até mais? A resposta é que **tudo o que fazemos**, nós o fazemos "como paulinos", com estilo de vida "paulino", à luz do carisma e da espiritualidade herdados de nosso Fundador; e **o fazemos como consagrados**, a partir da experiência de vida comunitária. Se perdermos esses elementos, e outros, que nos caracterizam, se perdermos a nossa "cor paulina", sem dúvida nos tornaremos consagrados frustrados e tristes.

Por isso, depois da celebração do Centenário de fundação da nossa Congregação, convido vocês a retomar e reavivar cada dia, na alegria e na esperança, o dom da vida e da vocação que recebemos. Como dizia padre Alberione: *"Almas alegres, família alegre, apostolado alegre. As almas alegres se tornam também mais rapidamente santas"*.⁴

Tendo presente a vida consagrada paulina, podemos renovar, no espírito pascal, o nosso empenho de evangelizar com e na comunicação. Entre os muitos aspectos que se poderiam sublinhar nessa ótica, tomo em consideração **três elementos que deveriam ser despertados sempre mais em cada um de nós: amor, comunhão e audácia**.

Evangelizar com e na comunicação "com amor"

O Evangelho que somos chamados a viver e anunciar como paulinos, antes de tudo, é a boa notícia que nasce da força do amor, porque Deus é amor e quem permanece no amor permanece em Deus (1Jo 4,16). O amor está na base da vida daqueles que seguem a Jesus. Justamente o seguimento, não só dos religiosos, mas de todos os cristãos, nasce da decisão pessoal de escutar o Senhor, que dá o mandamento novo de nos amarmos: *"Disto todos saberão que vocês são meus discípulos: se vocês tiverem amor uns pelos outros"* (Jo 13,35).

Santo Agostinho, com as palavras que seguem, nos lembra que Jesus definiu a plenitude do amor com que devemos amar-nos uns aos outros: *"Ninguém tem amor maior do que este: dar a vida pelos próprios amigos"* (Jo 15,13).

⁴ G. ALBERIONE, *Alle Figlie de San Paolo*, 1946-1949, Roma, FSP- Casa Generalizia, 2000, p. 502.

Cristo *“deu a sua vida por nós; portanto, também nós devemos dar a vida pelos irmãos”* (1Jo 3,16), amando-nos de verdade uns aos outros, como ele nos amou, até dar sua própria vida por nós.⁵ Isso quer dizer: **o que distingue os discípulos de Jesus é o amor que demonstram entre si**, como primeira coisa.

Somos paulinos e não podemos esquecer como **o amor que constrói a vida fraterna é um aspecto importante da mensagem do apóstolo Paulo**, discípulo fiel do Divino Mestre. Ele anuncia o Evangelho com todos os meios disponíveis em sua época, porque, antes de tudo, faz a experiência da graça, que é fruto do amor de Deus derramado sobre nós. Por isso, ele pode dizer: *“Esta vida, que vivo no corpo, eu a vivo na fé no Filho de Deus, que me amou e se entregou por mim”* (Gl 2,20). Ao mesmo tempo, ele está consciente de que esse amor não é intimista, *“não é invejoso, não se ufana, não se incha de orgulho, não falta de respeito, não procura o próprio interesse, não se enraivece, não leva em conta o mal recebido, não se alegra com a injustiça, mas se alegra com a verdade. Tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta”* (1Cor 13,4-7).

Para nós religiosos, é grande desafio; é sinal profético testemunhar o amor a partir da vida comunitária, que deve ser diferente do raciocínio mercantilista e do individualismo. Como sabemos, não basta viver junto sob o mesmo teto; também na pensão se vive assim. Não basta estar junto fazendo uma boa ação, mesmo que seja no campo da comunicação. Tantas ONGs fazem coisas bonitas, mas nem por isso se caracterizam como comunidades religiosas. Viver na comunidade exige de nós **o testemunho do amor, demonstrado nas relações humanas concretas de respeito, perdão, acolhida, misericórdia e serviço aos irmãos**.

Somente quando as relações humanas forem marcadas pelo amor é que seremos **testemunhas acreditáveis** de Jesus. O Papa Francisco nos ajuda a refletir sobre esse aspecto, quando escreve: *“A mim dói muito verificar, em algumas comunidades cristãs, até mesmo entre pessoas consagradas, o fato de se dar espaço a diversas formas de ódio, divisão, calúnia, difamação, vingança, ciúme, desejo de impor as próprias ideias a qualquer custo, inclusive com perseguições que parecem implacável caça às bruxas. A quem queremos evangelizar com estes comportamentos?”*⁶

Realmente, *“se em nosso coração não há o calor de Deus, do seu amor, da sua ternura, como podemos nós, pobres pecadores, aquecer o coração dos outros?”*⁷ Por isso, irmãos, nas pegadas do apóstolo Paulo e do nosso Fundador, esforcemo-nos

⁵ SANT'AGOSTINO, *Trattati su Giovanni*, 84, 1-2; CCL 36, 536-538.

⁶ PAPA FRANCISCO, Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, 2013, n. 100.

⁷ Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica, *Alegrai-vos*, *op. cit.*, n. 6.

para “amar a todos, pensar em todos, agir com o espírito do Evangelho, que é universalidade e misericórdia”.⁸

O bem-aventurado Tiago Alberione escrevia em seu diário juvenil que “a vida sem amor é árida, triste, cínica, cética, raivosa”.⁹ Deveríamos, então, questionar-nos sobre a intensidade do amor em nós e entre nós. O Ano Santo da Misericórdia, anunciado pelo Santo Padre,¹⁰ será um tempo oportuno, não só para anunciar aos outros a mensagem da misericórdia de Deus, mas também para vivê-la entre nós.

O amor nos faz viver como irmãos e cria um clima de família nas comunidades. É muito atual o que já dizia o nosso Capítulo Geral Especial: “Somente quando uma comunidade consegue viver em clima de família, onde cada um é solidário com os outros, onde cada um está disponível para carregar os pesos alheios (cf. Gl 6,2); onde cada um sabe alegrar-se com aqueles que se alegram e sabe chorar com aqueles que choram (cf. Rm 12,15); somente então nós podemos superar o vazio do isolamento, o cansaço, as perturbações, os desafios, as feridas e todas as forças que subvertem nossa integridade espiritual”.¹¹ Que o Senhor nos ajude a amar de verdade!

Evangelizar com e na comunicação “em comunhão”

O Evangelho é o anúncio do amor que gera comunhão. Ao falar de amor e comunhão, nos vem à mente a **imagem do “Deus-Trindade”**. Ou seja, o Deus único, em três Pessoas, unidas no amor e que vivem na comunhão contínua: o Pai criador, o Filho redentor e o Espírito Santo santificador. São três sujeitos que dialogam entre si, se amam e se relacionam mutuamente, na perfeita comunicação.

Este é um ponto importante, com referência ao nosso carisma. O verdadeiro amor gera comunhão; por consequência, faz abrir para a comunicação. De fato, a primeira acepção de comunicação, que aparece já no século XII (1160), provém do latim e remete à ideia de comunhão, à ideia de *partilha*. Somente no século XVI começa a receber também o sentido de *transmissão, difusão*, ligado ao desenvolvimento das técnicas, inicialmente na imprensa.¹² Portanto, antes de tudo, a comunicação é sempre busca do outro e esforço de partilhar, o que faz crescer a comunhão.

⁸ G. ALBERIONE, *Ut perfectus sit homo Dei [UPS]*, a cura del Centro di Spiritualità Paolina, Cinisello Balsamo (Milano), 1998, IV, 118.

⁹ T. ALBERIONE, *Fui criado para amar a Deus*, Diário juvenil de Pe. Alberione, São Paulo, 2003, n. 4.

¹⁰ O Ano Santo da Misericórdia vai começar na próxima solenidade da Imaculada Conceição (8 de dezembro 2015) e terminará dia 20 de novembro 2016, Domingo de Nosso Senhor Jesus Cristo Rei do Universo.

¹¹ *Documentos Capitulares*, Capítulo Geral Especial 1969-1971, São Paulo, 1972, 276.

¹² D. WOLTON, *Pensar la comunicación*, Buenos Aires, Prometeo Libros, 2007, p. 37.

Claro que, para nós paulinos, a difusão é muito importante, no que se refere à nossa missão de difundir a Palavra de Deus com todas as linguagens da comunicação. Devemos fazer isso, e fazê-lo muito bem! No entanto, o nosso carisma exige também o empenho pessoal, de nossa parte, a sermos homens de comunicação, como já nos admoestava o VI Capítulo Geral, o que compreende a comunicação com o Deus-Trindade, com nós mesmos e com os outros.

Jesus é o primeiro modelo e primeira medida da nossa comunicação. Sobre esta verdade não são necessárias muitas palavras. Basta ver, nos Evangelhos, como era a relação de Jesus com o Pai, consigo mesmo e com os outros. Na relação com as pessoas, *“mostrava respeito pelos seus ouvintes, simpatia pelas situações e necessidades deles, compaixão para com seus sofrimentos e determinação resoluta de lhes dizer o que precisavam ouvir, de maneira a lhes cativar a atenção e ajudá-los a receber a mensagem, sem imposições e constrangimentos, sem enganos e manipulações”*.¹³

O apóstolo Paulo é discípulo de Jesus, também como homem de comunicação, no verdadeiro sentido de **“promotor de comunhão”**. Em suas Cartas, são muitas as passagens onde ele insiste sobre a comunhão como requisito importante da comunidade cristã. Empregando a imagem do corpo, nos faz ver que comunhão não significa uniformidade. De fato, escreve: *“Há carismas diferentes, mas um só é o Espírito. Há ministérios diversos, mas um só é o Senhor. Há diversas atividades, mas um só é Deus que realiza tudo em todos”* (1Cor 12,4-6).

Nós paulinos, evangelizadores-comunicadores, somos chamados para fazer da comunidade um lugar de comunhão e a vivermos a unidade na diversidade dos dons, não obstante os nossos limites. Por isso, como nos recorda nosso Fundador, precisamos exercitar muita abnegação. De fato, *“a diversidade de temperamentos, idade, costumes, ideias, experiências, ocupações e tendências etc., tudo isso é sempre causa de recíprocos sofrimentos. Por isso, é sempre necessário saber como ser tolerantes, renunciar aos nossos pontos de vista, reconhecer os próprios enganos, fazer alguma cortesia etc.; tudo isso requer abnegação universal”*.¹⁴

Sabemos que nas comunidades onde não há relações fraternas, onde falta o diálogo, o apostolado não progride, e infelizmente fica parado. **A comunhão entre nós é fundamental para o êxito de nossa missão e para ser “acreditáveis”**, seja diante de nossos colaboradores leigos, seja diante de nossos destinatários. Então, *“compreender-se e amar-se: ‘Congregavit nos amor Christi unus’; ajudar-nos reciprocamente com oração e colaboração. Os egoísmos pessoais*

¹³ Pontifício Conselho das Comunicações Sociais, *Etica nelle Comunicazioni Sociali*. Città del Vaticano, Libreria Editrice Vaticana, 2000, n. 32.

¹⁴ T. ALBERIONE, *UPS, op. c.*, IV, 221.

*destroem a vida de comunidade; os egoísmos sociais, políticos, familiares destroem inclusive os institutos, ou no mínimo os condenam à esterilidade”.*¹⁵

Uma das linhas operativas do X Capítulo, relativas à vida comunitária, assim reza: *“Construir as nossas comunidades segundo o espírito de São Paulo, no testemunho de vida doada a Deus, na comunhão fraterna e na sinergia apostólica”* (2.1). Com o esforço de cada um, podem-se construir comunidades desse gênero, para melhorar sempre mais a qualidade de nossa vida e para levar adiante a missão.

Evangelizar com e na comunicação “com audácia”

No amor que gera a comunhão, somos chamados a **entrar na dinâmica de uma “igreja em saída”**, sobre a qual insiste o papa Francisco. Também o nosso X Capítulo Geral declarou: *“Somos Igreja e queremos ser, com a Igreja, uma Congregação ‘em saída’, ‘a caminho’, para nos colocarmos lado a lado com os ‘novos macedônios’ (cf. At 16,9) que nos interpelam: as atuais multidões sem pastor, as minorias esquecidas, os excluídos, os doentes de qualquer enfermidade, os explorados sociais, os jovens não ouvidos ou vítimas de modernas dependências, os sem-trabalho e os migrantes, os famintos de pão e verdade, aqueles que excluíram Deus de suas vidas, que perderam o sentido da vida...”* (Documento final, Introdução, 4).

Somente saindo da autorreferência, ou seja, do nosso mundo pessoal, da realidade de uma comunidade fechada em si mesma, e **de uma Congregação que olha somente seus próprios problemas ou sucessos**, é que poderemos avançar. Somente olhando o mundo que muda e assumindo as novas linguagens da comunicação é que **poderemos atualizar o nosso apostolado**, para chegarmos aos destinatários deste século. Como já dizia o nosso Fundador: *“Os tempos caminham; é inútil dizer: ‘Uma vez isso não havia, não se fazia assim...’ As almas desse ‘uma vez’ já estão no Paraíso ou no Inferno; devemos salvar as almas de hoje. Todos os santos fizeram assim”.*¹⁶

Então, é preciso ter audácia. Ora, audácia significa “ter coragem”, isto é, “não ter medo de fazer coisas novas”. Portanto, é preciso **ter coragem de mudar as iniciativas e as estruturas que já não respondem às exigências do nosso tempo e buscar novas formas para atuar o nosso carisma. Talvez possamos falar de “parresia” apostólica.** *“Parresia é a liberdade e a coragem de uma exigência que se abre para a ação da palavra de Deus e que nesta palavra se coloca à disposição de Deus e do próximo”.*¹⁷ É pregar impavidamente, falar com coragem e sem medo. Jesus nos convida a ser apóstolos **audazes, não somente com os meios, mas também com os conteúdos.** O mundo necessita de apóstolos repletos de “parresia”, que anunciam o Senhor Jesus com toda a força que ele irradia.

¹⁵ T. ALBERIONE, *UPS, op. c.*, I, 382.

¹⁶ G. ALBERIONE, *Alle Figlie di San Paolo, 1946-1949*, cit., p. 576.

¹⁷ *Documentos Capitulares, op. c.*, n. 263.

Sem audácia, acompanhada de sua irmã “criatividade”, na evangelização corremos o risco de fazer as mesmas coisas que sempre fizemos e de chegar às mesmas pessoas a quem sempre chegamos. Obviamente, não convém abandonar aqueles que tradicionalmente são os destinatários do nosso apostolado. Mas, é preciso fazer sempre mais e ir em busca sempre dos mais afastados, especialmente nas periferias.

Todavia, audácia não significa fazer coisas grandiosas e custosas. Nisso, é preciso que haja atenção e prudência para não dar “passos mais compridos que as pernas”. Há inúmeras pequenas iniciativas que se podem adotar no campo da imprensa, do rádio, da televisão (em certos casos particulares, também com meios neutros), no ambiente digital, na formação, no campo bíblico e comunicacional etc.

Por fim, não podemos esquecer o aspecto organizativo, especialmente quando se trata de elaborar projetos e de trabalhar em equipe, porque falar de “congregação em saída” não significa que cada um deva ir aonde quer. Somos “congregação religiosa”, e por isso as iniciativas apostólicas têm sentido quando entram no projeto orgânico, no qual as pessoas se envolvem com suas próprias tarefas e responsabilidades, sem que se bloqueie a criatividade.

Também nesse frente, podemos dizer que é necessária a “audácia” para mudar a metodologia de trabalho. Dizia nosso Fundador: *“Seja unido o apostolado, para toda a Congregação. Centro único: tudo aí, firmemente, sem deixar-se guiar por interesses ou visões particulares; tudo isso deve desaparecer no bem comum, universal. Há um bem universal a conseguir, o qual se deve antepor a qualquer bem privado: isso é obrigação, não é conselho; é obrigação religiosa”*.¹⁸

Em conversão, no caminho de Emaús

Amor, comunhão e audácia são três aspectos da nossa vida paulina que, para serem postos em prática, **necessitam da conversão**, ou seja, de mudar as atitudes que vão contra eles. É precisamente isso que afirma o *Objetivo geral 2015-2021* do Documento final do X Capítulo Geral: *“Atentos aos sinais dos tempos, renovar o impulso da nossa missão apostólica, convertendo a nós mesmos, nossas comunidades e nossas estruturas apostólicas, para chegarmos a todos, especialmente às periferias, servindo-nos também das novas linguagens da comunicação”*.

Falando da conversão, parece-me oportuno recordar ao menos os pontos principais do **discurso do Papa à Cúria Romana**, quando da apresentação dos augúrios natalinos do ano passado. Francisco elenca uma série de doenças que devem ser curadas, para que a Cúria seja testemunha acreditável hoje no mundo. Claro que o discurso se endereça a todas as pessoas que operam nos

¹⁸ G. ALBERIONE, *Alle Figlie di San Paolo*, 1940-1945, Roma, FSP-Casa Generalizia, 2000, p. 325.

diversos organismos da Igreja; na realidade, tais doenças e tentações são perigos para todos, também para nós que procuramos responder ao chamado de Deus na vida consagrada paulina.

Na linha desse discurso, peçamos ao Senhor que liberte cada um de nós: *de sentir-se “imortal”, “imune”, ou até “indispensável”; da excessiva operosidade; da “petrificação” mental e espiritual; do excessivo planejamento e do funcionalismo; da má coordenação; do “alzheimer espiritual”; da rivalidade e vanglória; da esquizofrenia existencial; das fofocas, murmurações e mexericos; do divinizar os chefes; da indiferença para com os outros; da cara de funeral; da acumulação; dos círculos fechados e do lucro mundano; dos exibicionismos.*¹⁹

Por fim, à luz do tempo pascal, convido vocês a lembrar os dois discípulos que, desconsolados, estavam a caminho de Emaús. Os dois conversavam sobre o que havia acontecido em Jerusalém e descarregavam entre si a tristeza. A escuridão do coração e a saudade não lhes permitiam perceber Jesus no viajante que caminhava com eles. Estavam de tal maneira cegos pela dor e pelo mau humor, que não reconheceram Jesus, também quando “lhes explicava as Escrituras que se referiam a ele” (Lc 24,27), ainda que “seus corações ardessem” (Lc 24,32). Somente quando Jesus tomou o pão, abençoou, partiu e dividiu, é que os olhos dos discípulos se abriram e o reconheceram.

Prezados irmãos, acolhamos a presença de Jesus Ressuscitado. Ele está vivo entre nós também, especialmente na sua Palavra e na Eucaristia. A partir dessa experiência pascal, podemos todos juntos construir um caminho, unindo as forças para levar adiante a missão sobre “as quatro rodas do carro paulino” (santidade, estudo, apostolado, pobreza). Como fizeram os discípulos de Emaús após terem reconhecido Jesus quando ele partiu o pão, **afastemos de nós os pensamentos negativos e deixemos que a luz do Ressuscitado ilumine** as situações de escuridão que algumas vezes tentam ofuscar o caminho. **Vamos adiante com coragem, com amor, com audácia e em comunhão**, prosseguindo no caminho que padre Alberione abriu para nós e para toda a Família Paulina, “sempre tendo o olhar voltado para amplos horizontes”.²⁰

Maria, Rainha dos Apóstolos, e São Paulo Apóstolo sejam os nossos intercessores no desafio de viver e anunciar Jesus Mestre, Caminho, Verdade e Vida, na fidelidade criativa ao carisma recebido como herança do nosso Fundador.

¹⁹ Cfr. PAPA FRANCISCO, *Discurso à Cúria Romana* por ocasião da apresentação das felicitações natalinas, 22 de dezembro 2014.

²⁰ PAPA FRANCISCO, *Discurso à Família Paulina*, 27 de novembro de 2014.

Santa e feliz Páscoa para todos!

Fraternamente,

Roma, Sábado Santo, 4 de abril de 2015
131º do nascimento do bem-aventurado Tiago Alberione

Padre Valdir José de Castro SSP



Superior geral